

O operariado tem de reagir contra um crime

As deportações de operários honestos misturados com alguns criminosos de delito comum, não obedeceram a outro intuito senão o de ferir a Organização Operária, roubando-lhe alguns dos seus mais activos elementos. A propositada confusão, ajudada pela imprensa desonesta, que se tem feito de apresentar como legionários indivíduos que têm empregado sempre a sua actividade no honrado trabalho, numa labuta árdua pelo pão de cada dia, visa apenas a desmoralizar o povo trabalhador e a dar aos nossos protestos o aspecto odioso duma solidariedade que não prestamos—que nunca prestámos nem prestaremos—à chamada Legião Vermelha.

Deportando sumariamente cerca de meia centena de indivíduos, que não foram julgados, cujas culpas não foram apuradas por tribunais regulares, o governo sobrepos-se à acção da justiça e condenou à pior das torturas homens que a justiça, mais sabedora apoiada em elementos de investigação mais profundos e verdadeiros talvez tivesse de absolver.

Não se pode consentir que o governo, saltando sobre as leis que devia ser o primeiro a respeitar, abuse do seu poder—que ainda é limitado por outros poderes constituídos—e exercendo uma odiosa ditadura, faça uma perseguição puramente política, à margem dos códigos e da justiça, condenando sumariamente operários honestos a uma pena desumana.

O povo trabalhador não deve assistir silenciosamente e de braços cruzados a este crime dum governo que, triunfante há pouco duma ditadura, está assumindo atitudes mais odiosas do que os ditadores, se tivessem colhido os louros da vitória.

Os governos não são entidades de força absoluta e indiscutível que não tenham de tomar a responsabilidade dos seus gestos e dos seus crimes. O governo prevaricou—o operariado tem de pedir-lhe contas dos seus actos e obrigá-lo, porque tem direito a fazê-lo, a entrar no caminho da legalidade de onde saiu. E' preciso reclamar o regresso imediato dos deportados para que os tribunais os julguem em Lisboa, se quizerem, e apurem da sua culpabilidade se por acaso a têm.

Povo, trabalhador deves lutar contra os crimes do poder que são tão ou mais odiosos do que os crimes da 'Legião Vermelha' e de outras 'legiões' que vêm assaltando os cofres publicos e roubado o bem estar ao proletariado!

Contra uma iniquidade!

A Confederação Geral do Trabalho vai hoje protestar junto do governo contra as deportações

Ao povo trabalhador compete apoiar calorosamente esse protesto

A Confederação Geral do Trabalho vai hoje entregar ao governo um eloquente protesto que a seguir publicamos na integra.

Esse documento traduz o sentir da classe trabalhadora porque tem um pensamento de elevada justiça e norteia-o.

Que visa esse protesto? O regresso imediato do governo às normas de justiça das quais se desviou para satisfazer ódios políticos rasteiros e para adular os conservadores que, bem mais perigosos do que os avançados, constantemente o ameaçam com um movimento de revolta.

O governo fez dum punhado de homens um juguete dos seus interesses. Sacrificou-os, lançando-os à gula insaciável dos reacçãoários. Estes reclamavam sangue, perseguições ao operariado, se não tomariam o caminho da revolta. E o governo, temendo-os, executou servilmente a sua vontade.

Encheram-se as prisões de operários que estavam disposto a combater a ditadura, após o fracasso dessa ditadura; espancaram-se bárbaramente indivíduos detidos e indefesos; levou-se o ódio e a perseguição ao extremo de se assassinar um homem a pretexto de que queria fugir—e arremessaram-se para a Costa de Africa, sem julgamento, operários honestos de mistura com cadastrados por furto!

O protesto da Confederação Geral do Trabalho era imprescindível. Nunca como neste momento a República feriu tão profundamente os sentimentos de justiça que o povo defende. Quiz-se afrontosamente aniquilar a Organização Operária infligindo-lhe um vexame que ela tem de repelir com brio e galhardia.

Que o operariado de todo o país saiba, pois, apoiar com energia—porque da defeza dum alto principio de justiça se trata—o protesto que

a Confederação Geral do Trabalho hoje leva ao governo da República.

Lisboa 1 de Junho de 1925.

Ao Governo da República Portuguesa.

Senhores:

O que se está passando com a classe operária, à cerca do problema da ordem pública, é verdadeiramente monstruoso e inaceitável. Nunca pelo espírito do povo português, que gloriosamente herdara de Fernandes Tomás, Passos Manuel, Mousinho, Saldanha, Sá da Bandeira e outros precursores da liberdade, tão nobres tradições, passou a dívida, sequer de que numa República, feita em seu nome, haveria de ser tão desprezada a vida e afrontada a liberdade e a própria justiça.

Nunca, senhores, alguém poderia imaginar que após o fracasso dum movimento conservador, erguido no histórico local que foi berço da República, e para a qual o povo, o operariado contribuiu moralmente, porque mais não pôde, resultando daí a vossa própria segurança, pudesse haver pela vossa determinação ou pelo vosso consentimento tantas e tão iníquas e vergonhosas perseguições à classe operária.

E' espantosamente paradoxal que o fundamento justificativo da revolta que primeiramente atingiu o Governo, e que era «os crimes da fantástica Legião Vermelha» pudesse servir a esse mesmo Governo para o segurar e manter.

Então as coisas deveriam correr os seus lógicos tramites. Se a razão de Estado que dá lugar a um movimento para derrubar o governo perdura, a sua primeira consequência deveria ser a queda do mesmo governo.

Tal não sucedeu. E, pelo contrário, tendo ficado mais firme o Governo é porque a razão invocada, não tendo base jurídica, moral, nem política, não pode ser por ele aceite; pois que o contrário equivale a reconhecer a razão dum facto que combatere.

Senhores: a Legião Vermelha, como foi preparada bem o deveis vós saber.

Eis, porém, que a título de a combater manda-se para fora do continente operários sem julgamento, operários sem culpa formada, numa tal precipitação que bem prova a loucura de perseguir.

Pois que? Então o poder legislativo, o poder executivo e o judicial, não bastam para reprimir e debelar todos os actos considerados crimes de lesa-sociedade, dentro das normas usuais e legais, sendo necessário proceder de forma que se desmente e se achincalha, vede bem, o mais sagrado esteio da República que é—Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Em que país e em que época se vive?

O crime dos operários perseguidos e presos é precisamente a defeza daquele sacrossanto principio. E, se a República tem por base um lema tal, ninguém, absolutamente ninguém, a defenderá melhor do que nós.

Senhores: vós sois sinceramente republicanos? Nós temos uma dolorosa incerteza, uma dúvida imensa se o sois ou não! Não vos acheis ofendidos. Só vós podeis fazer-nos acreditar na sinceridade das vossas intenções e na vossa fé política.

—Como? Mandando cessar as perseguições e mandando regressar ao continente todos os operários deportados, no espaço de tempo indispensável a fazer desaparecer do espírito de todos uma dúvida de tal natureza, ordenando que sejam julgados nas respectivas comarcas e mandados em liberdade aqueles de que não haja provas da sua incriminação.

A própria organização operária deseja saber de que natureza é o seu delito e qual a sua gravidade. E isso só pode ser avaliado se lhe for dado saber, assistindo aos seus julgamentos, pois pretende por sua vez também julgar.

—Temeis a revolta, temeis a agitação dentro e fora das salas dos tribunais?

Mas então o que é que se está provocando?

Meditai, senhores; olhai que há muitos lares sem pão, há mães e esposas que choram de dor e desespero; há crianças inocentes, anjos de candura, que podem supor, talvez, que os pais são ladrões, são assassinos, e eles querem apenas que elas deixem de andar descalças, que elas deixem de passar fome.

Estão-se misturando operários que vivem honestamente do seu trabalho, e outros que se do trabalho não vivem e porque lho roubam, com gatuões cadastrados e com faixas, sem o menor respeito pela situação e pelo brio de cada um.

Isso é a maior vilania, a maior afronta, a mais repugnante vergonha!

Há operários que tem sido maltratados, por palavras e factos, dentro das prisões e das esquadras.

Há poucos dias um fto morto, com um tiro no peito, quando pretendia fugir—disse-se. Repara! que um tiro no peito não o leva quem foge.

A febre de matar e a alucinação é tanta que nem, sequer, houve, a preocupação de dar aquele tiro de forma a fazer supor que a vítima, na verdade, fugia.

Um outro ainda enlouqueceu na prisão como que a marcar naquele pungente estado os vestígios dos maiores horrores. Caso único, caso fantástico.

O ódio contra o operariado

Onde estavam os perseguidores da classe operária quando ela sacrificava a sua vida pela liberdade?

A miserável perseguição... O ódio perversamente cultivado, quasi elevado a uma fraternal virtude, agita a sociedade portuguesa. Esse ódio criou-se em torno de ambições mesquinhas, de vaidades repugnantes, de ganâncias criminosas. Desse ódio não são autores os operários: são vítimas, dolorosas vítimas.

Ao campo político tornado por vezes um mar de sangue, uma arena criminosa, não deram os operários a menor colaboração, alheando-se sempre de lutas, numa indiferença legítima de quem não tem preferências a combater, nem ambições a realizar; que o A estivesse no poder ou que o B fosse mais digno de o ocupar.

A acção do operariado na política consistiu num encarniçado combate ao ódio, num protesto sempre oportuno contra todas as situações de excepção, contra todas as tentativas de predomínio da violência sistemática no Terreiro do Paço e, por consequência, em todo o país. Coerente com esse critério, protestou contra a situação de Sidónio Pais, situação originada pelo ódio às violências dos democráticos, violências de que o operariado foi duramente atingido. Dessas violências não herdou o ódio, combatendo o sidonismo porque ele era orientado pelo vago ódio.

Ainda dentro da orientação que o levava a protestar contra o sidonismo, o operariado subiu às ruínas de Monsanto a aniquilar a tentativa da restauração monárquica—tentativa que se vingasse faria desencadear sobre esta terra o ódio mais cruel e uma revanche despiadada e sangrenta.

Nessa ocasião, o operariado não encontrou a seu lado subindo a serra, sob a metralha e as balas os eminentes republicanos, as grandes figuras que agora acintosamente o perseguem.

As ditaduras — regimes de puro arbitrio em que todo o crime é lei e toda a lei é um crime — encontraram no operariado um adversário decidido e irreconciliável.

A manifestação a Belém contra a política da opressão e do ódio foi uma das mais formidáveis que até hoje se organizou. 60 mil pessoas foram a Belém afirmar o seu imperecível amor pela liberdade. Quem tornou formidável pelo número e pela consciência essa manifestação? O operariado.

Isto é demais. Basta senhores.

Que tendes vós providenciado contra tal? Nada absolutamente nada, pois mais parece que o tendes ordenado.

Nós supunhamos que os Corpos de Segurança Pública serviam para manter de facto a segurança pública.

Enganamo-nos. E quando se corre o risco de se ver na autoridade o mais activo agente de desrespeito à nossa liberdade e à nossa vida, quando os poderes constituídos exorbitam ou se afastam da lei, toda a revolta é

que abandonou em massa o trabalho numa paralisação geral, na terra e no rio, constituiu quasi toda a manifestação. Sem o seu concurso ela não se realizaria ou resultaria piífa, converter-se-ia num desastre irremediável.

Veio o movimento de 18 de Abril para estabelecer em Portugal uma ditadura militar apoiada nas «forças vivas» ou com maior exactidão, «uma ditadura dos reacçãoários das «forças vivas» apoiada pelas espingardas, pelas espadas e pelos canhões. A aliança da caserna ludibriada com a rua dos Capelistas dementada pela ambição.

O operariado apressou-se a combatê-la e tê-la feita de armas na mão se tal fosse necessário. E mostrou-se dum decisão e dum energia que nesse momento não existiam por parte dos que se arvoraram em perseguidores.

Se a ditadura, em Portugal, ainda não vingou ao proletariado se deve. Foi ele que lhe criou, em comícios, em sessões, em agitações constantes, um ambiente hostil, quasi asfixiante. E a Batalha?

Poderão porventura esquecer-se os ardentés, as corajosas campanhas que este jornal manteve contra a ditadura? E as nossas campanhas tiveram o mérito de erguer a alma popular, fazê-la palpitar de indignação contra a monstruosa ideia duma ditadura. E é preciso que os saibam: isso que se usa classificar de «rua», isso que se conhece sob o nome de «povo» é por nós — está connosco.

Ao passo que os centros políticos vão diminuindo em Lisboa e em muitos pontos do país e os partidos políticos vão sofrendo fortes diminuições nos seus efectivos, os sindicatos aumentam de número e cada vez é maior o número dos que estão integrados na C. G. T.—de coração e de espírito, plenamente a seu lado.

E a C. G. T. não vê os efectivos operários aumentados nas mesmas centenas. Eles engrossaram nestes últimos anos algumas dezenas de milhares.

E continuaremos a ser as vítimas do ódio, desse ódio que através de todas as formas por que ele aparece revestido, sempre temos verberado? Assistiremos ainda mais

legítima porque traduz a dignificação da própria lei e neste caso, até, a integridade da própria República, que nós sem a desejamos porque queremos mais, temos todavia defendido mais e melhor do que muitos dos seus dirigentes.

A organização operária, a Confederação Geral do Trabalho, que é contrária a todos os crimes, a todos os roubos, a todos os atentados, nesta hora angustiada em que uma revolta irreprimível vai lavrando sordamente em todos os espíritos, vem perante vós, senhores, indignadamente protestar

tempo, numa aparente impassibilidade que oculta uma dolorosa críspação, de braços cruzados, à repugnante obra de ódio exercida contra a classe operária?

A indignação não pode, mais tempo, calar-se. Não podemos calar-nos porque o operariado já está farto, fartíssimo de suportar que a sua voz, a sua grande e bela voz que clama por justiça, esbarre contra a surdez do Terreiro do Paço, contra essa surdez dos que não querem escutá-lo.

Em muitos lares operários só existe a miséria, a dor, o luto. São as mulheres que sofrem e choram os seus companheiros deportados e presos, são as crianças que choram a ausência dos pais que eram o carinho, que eram a alegria, que eram o pão que naquelas casas agora não existe.

A indignação pode converter-se em ódio e esse ódio é tão legítimo como aquele que, todas as consciências bem formadas, nutrem por todos os carrascos, por simpatia legítima, por nobre solidariedade com todas as vítimas.

Quando chegará o momento em que o crime dos governos tenha os seus dias contados?

Ao povo operário de Lisboa

Vai a Confederação Geral do Trabalho entregar ao presidente do Ministério um protesto contra a deportação para a Guiné de operários honestos que cavilosamente foram misturados com criaturas cujos actos, a organização operária repudia não lhes dando a mais pequena parcela de solidariedade.

Protesta, também, a C. G. T. contra o atentado à liberdade, que representa o mandar-se barra fóra criaturas sem culpa formada e outras com processo em andamento e cujo julgamento pretende o governo fazê-lo fóra da respectiva comarca inibindo os presos da defesa testemunhal e ainda da organização operária poder também julgar, como deseja os actos daqueles que se querem intitular presos por questões sociais.

No meio de tudo isto, passa-se

um caso absolutamente fantástico: Um preso morto com um tiro «no peito» quando fugia (?)
Outro que enlouquece dando entrada no manicômio!
Há feridos selvaticamente pela polícia com tratos como na antiga inquisição.

E não há um protesto, não há sequer alguém daí dos que apregoaram ou sonharam a república para inaugurar uma era de maior liberdade como esteio a um progresso fecundo, que se oponha a tais barbarismos.

Pois bem, se os propagadores e sonhadores doutros tempos se incrustaram no bojo abdominal dos conservadores, então, se a república e tudo que nela era uma aspiração desapareceu, ao proletariado só lhe resta pôr de parte a própria república por que nela já não encontra o princípio das liberdades conquistadas.

Só resta ao proletariado, pois, quando a república perigar alhear-se da sua defesa por não marcar um princípio que mereça o seu sangue.

Pode cair a república e com ela os seus crimes, como caiu a monarquia e deixarem-se de masturbações doutrinares de fé bafosa numa república que nunca existiu.

Prepare-se, pois, o povo operário para um protesto consciente e unânime, para fazer respeitar as verdadeiras liberdades.

A Câmara Sindical do Trabalho

As perseguições

Foi hoje preso, de manhã, quando saía de sua casa, Egidio Correia, operário metalúrgico, encontrando-se no calabouço n.º 6 do governo civil.

Indústria de Conservas de Portimão

PORTIMÃO, 30.—Em assembleia geral do pessoal das fábricas de conservas, protestou-se contra as deportações de operários feitas pelo governo do sr. Vitorino Guimarães, resolvendo-se ficar em sessão permanente, aguardando resoluções da C. G. T. sobre a acção a desenvolver.—E.

Os textos de Gaia apoiarão qualquer movimento de protesto

VILA NOVA DE GAIA, 30.—No Sindicato dos Operários Textéis realizou-se uma sessão de protesto contra as prepotências do governo.

Falaram José Pedro Lourenço, pelo N. J. S., José Augusto, pela Zona Federal Anarquista, Joaquim Grilo, Manoel R. Reis e David de Oliveira, aconselhando os operários presentes a prepararem-se para resistir aos maneios da reacção e salientando o que há de iníquo nas deportações efectuadas pelo governo.

Foi aprovada uma moção apoiando a C. G. T., U. S. O. do Porto e F. J. S. em qualquer movimento que leve a efeito contra o procedimento do governo, de protesto contra as perseguições ao operariado e deportações de operários e saudando os presos por questões sociais.—C.

Corticeiros de Castelo Branco

CASTELO BRANCO, 30.—Os operários corticeiros, reunidos em sessão magna, resolveram manifestar o seu protesto contra a maneira arbitrária como o governo impede a Batalha de circular, contra a prisão de operários sem motivo justificado, resolvendo reclamar o imediato regresso dos operários, presos por questões sociais, deportados para a Guiné, e apoiar incondicionalmente qualquer movimento que a C. G. T. iniciar para pôr termo à tirania de que estão sendo vítimas as classes operárias.—E.

N. J. S. do Barreiro

A comissão administrativa do Núcleo de Juventude Sindicalista do Barreiro resolveu:

Lavar o seu protesto contra as infâmias do governo, prendendo e deportando operários, sem qualquer espécie de julgamento. Dar toda a solidariedade aos operários presos e deportados.

Aguardar as decisões da C. G. T. e da F. J. S. para conseguir a sua libertação.

Incitar a toda a mocidade sindicalista a máxima serenidade para agir no momento oportuno, energicamente, em conformidade com a conclusão anterior.

Uma sessão de protesto em Vila Nova de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 29.—O Núcleo de Juventude Sindicalista distribuiu um vibrante manifesto à classe trabalhadora sobre as perseguições movidas pelo governo de Vitorino Guimarães à classe trabalhadora e contra as deportações de operários honestos, e convidando os trabalhadores a acorrerem a uma sessão na sede do sindicato dos Tanoeiros.

Aberta a sessão por J. Pedro Lourenço, Dias de Almeida, da U. S. O. do Porto, expôs o que são as ditaduras de Mussolini e de Rivera e as consequências fatais que tiveram para o proletariado, sugereando-se o proletariado português a sofrer tirania semelhante às dos seus camaradas espanhóis e italianos se não se opuserem à pretensão de instauramento em Portugal de uma ditadura militar. Aconselha os trabalhadores a lançarem sem hesitações na luta logo que C. G. T. ou U. S. O. do Porto o determinem.

Joaquim do Carmo refere o que são as ditaduras e o falso dos republicanos aos princípios apregoados. Condena a deportação de operários pelo único crime de serem ideais de liberdade.

Usaram mais da palavra Francisco de Sousa Canavieira, pela Zona Federal Anarquista de Gaia, Francisco Grilo e David João de Oliveira, sendo unânimes na necessidade de os trabalhadores se oporem aos torpes maneios da reacção.

Foi depois aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Lavar o seu mais veemente protesto contra as perseguições, movidas ultimamente ao proletariado, como também contra as deportações de operários conscientes e honestos.

2.º Dar todo o seu incondicional apoio à

PELO FUTURO!

A juventude sindicalista e a «Semana da Criança»

A juventude Sindicalista como organismo de educação moral, intelectual e de preparação revolucionária da mocidade trabalhadora, não podia ficar indiferente perante um tão grande acontecimento no campo da educação infantil.—A Semana da Criança,—que representa um esforço em prol do ser, que nas primeiras idades começa sofrendo as calamidades desta putrida organização social, que se vai desmoronando ao fragor da luta renovadora, que há de libertar o Mundo, estabelecendo na Terra, a Paz e a Harmonia.

Mais do que ninguém, a criança necessita de ser protegida por aqueles cuja idade lhes permita lutar, em defesa daqueles pequeninos seres, que são deves para se defenderem, não sabendo exteriorizar ainda os males incompreendidos que os atormentam no seu coração juvenil.

As Juventudes Sindicalistas compostas de jovens trabalhadores, que sentem o peso da ignorância social, e das suas responsabilidades perante a época em que vivemos e na preparação dum futuro melhor e mais risonho onde todos os seres comunguem na conquista da Perfeccionabilidade, soberam na sua 1.ª conferência local, que marcou pela elevação como decorreu e pelas suas resoluções, um passo firme no caminho que temos de percorrer, manifestar o seu carinho e a disposição em auxiliar essa obra, que é o início duma nova vida para as crianças, que o seu viver atribulado derivado das condições económicas e morais dos pais, será suavizado pelo ambiente de fraternidade infantil que existirá na Escola, e na elevação da sua mentalidade.

Todos os jovens já se aperceberam que devem abnegar e conquistar para a Humanidade futura, que reside na criança, uma situação que eles não gozaram, vivendo-os assim dum porvir inexorável.

Analisando o objectivo pedagógico da «Semana da Criança», ele está em completa relação com os objectivos da Juventude Sindicalista.

Na sessão de carácter educativo efectuada no Sociedade de Geografia foi por mim explicado os objectivos e concepções pedagógicas da Juventude Sindicalista, mas nunca é demais repeti-lo.

Entendemos que a educação deve ser racional, livre de qualquer dogma político ou religioso, estando em relação às leis da Natureza, para que assim possa dar uma educação que prepare o indivíduo para um viver social em conjunto, e em harmonia com a época, à satisfação das aspirações dessa mesma época, e à formação do carácter de molde a desempenhar todas as suas funções sociais que são a sua razão de ser no todo social, na prática aos seus deveres, e na conquista dos seus direitos.

Uma Educação que assim não seja aplicada, é uma Educação fragmentária e prejudicial como a sociedade que a mantém, com todos os privilégios de casta.

E nestas e noutras razões que nós daremos a cota parte do nosso esforço para a Semana da Criança.

Das colunas de A Batalha, eu incito todos os jovens a que se dediquem de alma e coração a esta sublime obra, como início de vós mais amplos no terreno educativo, do qual a Juventude Sindicalista muito terá a lucrar, porque aqueles por quem hoje nos interessamos, serão os jovens que nos substituirão na futura Juventude Sindicalista.

EMÍLIO SANTANA (Jovem Sindicalista)

Trabalhar até estoirar

E' o que o patronato exige dos operários, que nem para se alimentarem ganham

Ao que parece os patrões já não dão o direito aos seus empregados de adormecer. Relatamos há dias o facto de um operário da Companhia União Fabril ter sido despedido depois de dois meses de doença, sendo velho, alquebrado quasi e com 10 anos de casa.

Surgiu depois um caso semelhante. O encarregado Joaquim Miranda, da garagem «Fiat», tendo um operário, o torneiro Manuel Moreira, sido acometido de um princípio de congestão cerebral, quiz forçá-lo, logo a seguir, a trabalhar. Como o Moreira, com muita razão, se recusasse a tal por estar doente, apodou-o de «caído» e despediu-o, tendo-lhe sido passado um documento referindo que o despedimento se deve à falta de trabalho.

De mais um facto semelhante tivemos agora conhecimento. Antonio Mendes, empregado no escritório da firma Mauricio e Branco, pediu no dia 27 ao gerente, sr. Mauricio, para o dispensar por três horas, o que lhe não foi concedido.

Como o Mendes necessitasse dessas três horas para tratar da sua saúde, voltou no dia seguinte a pedir a dispensa aludida, tendo-lhe respondido asperamente que fosse e não voltasse mais.

Voltando o Mendes, passadas as três horas, aguardava-o uma suspensão de serviço. Ontem, quando ia para receber o seu mísero ordenado de 300\$00, foi-lhe negado, a pretexto de que os patrões tinham ficado de fiadores duma qualquer coisa.

Eis a consideração que aos patrões merecem os que se esfalfam, se tuberculizam e morrem de fome, trabalhando para lhes garantir uma vida de abundância e de desperdício.

Nem já consentem que a máquina que lhes produz o bem-estar tenha um pequeno desarranjo.

Que trabalhe, que trabalhe sempre, até estoirar, é o que o patrão exige da máquina humana, cansada e gasta à falta de alimento, pois nem para comer chega o que os comerciantes e industriais pagam aos seus escravos.

C. G. T., U. S. O. e F. J. S. de Portugal em qualquer movimento que tentem levar a efeito, no sentido de acabar com tão feroz perseguição ao proletariado.

3.º Estarem atentos aos maneios da reacção, para no momento oportuno reagir convenientemente.

4.º Saídam as vítimas desta sociedade ladra, como os operários deportados e presos por questões sociais.

5.º Tornar público estas resoluções por intermédio da imprensa diária.

Também foi aprovado um documento em que se exortava o N. J. S. de Gaia, a que prosseguia na sua acção de protesto contra as perseguições, e ainda outra saudando os camaradas enfermeiros, pelo seu muito justo movimento de protesto contra o uso de morteiros.—C.

HORARIO DE TRABALHO

Os industriais de malhas de Coimbra

COIMBRA, 27.—Com a publicação do regulamento à lei 5.516,—horário das 8 horas de trabalho—começam a surgir conflitos entre operários e patrões.

Já há tempos dissemos que os operários —homens e mulheres—da indústria têxtil desta cidade percebiam salários irrisórios. Os homens não tinham salários superiores a 8\$50, as mulheres a 4\$00 e as crianças (algumas de idade inferior a 12 anos!) 1\$50!! Entretanto, o horário de trabalho era de 10 horas!

Surge, porém, agora, o regulamento à lei de horário de trabalho, que não pode exceder 48 horas semanais. E, os industriais têxteis, em face disso, resolveram baixar os salários na proporção de 25 %! Querem dizer, não contentes com os miseráveis salários que pagavam—salários que não davam para um almoço em atenção ao preço dos géneros resolveram reduzi-los, para assim, mais felizes e bacirosos, contribuir para que os outros caminchem para a miséria, para a degradação infamante.

A classe no entanto, composta por milhares de trabalhadores de ambos os sexos começa a protestar, sendo muito natural que os protestos tomem vulto.—C.

Um Bruto!

COIMBRA, 29.—Dissemos já que por via do cumprimento da lei das 8 horas de trabalho industriais têxteis desta cidade estavam provocando conflitos entre o seu pessoal, a quem pretendem lesar por todas as formas. Entretanto, vamos trazer à supuração um desses casos de violência—mais de roubo e de brutalidade.

Passou-se na fábrica de malhas de que é proprietário o sr. Nunes Vicente—sendo ele mesmo o personagem que atuou, fazendo a brutalidade que vamos narrar.

Na ansia dum bom lucro realizado pelo trabalho dos outros, e para como burguês arribista não acatar as leis que lhe mesmo aos quatro ventos diz defender, entrega o seu pessoal, na maioria mulheres, à tarefa de empregada. E assim, obrigou duas crianças de 9 anos aproximadamente, a produzir certa quantidade de trabalho até às horas de jantar, sem o qual concluiu não poderia comer.

Claro que as crianças não poderiam desempenhar-se da sua missão, e assim, estavam longas horas sem comer. No entanto, aproveitando a ausência do «verdugo» caixeiro que melhor seria defendesse os seus interesses, as crianças foram buscar um pouco de bróca que se encontravam a comer, receosamente, visto estarem com fome.

E, entretanto, aparece o Nunes Vicente, e, brutalmente, arranca a bróca das mãos das crianças, mandando-as deitar aos cães da fábrica!

Com franqueza, não encontramos palavras com que verberar o procedimento deste animal!...—C.

Em Alvalade

ALVALADE, 28.—Não é aqui cumprido o horário de trabalho, salientando-se no seu atropelo os industriais António Mestre e Manuel Rita, com oficinas de carroçaria e ferro, e Francisco Mestre dos Santos, com fábrica de moagem.

Os trabalhadores rurais, não sendo abrangidos no regulamento como classe com direito ao horário de oito horas, também não estão actualmente preparados para impor o seu estabelecimento, como é de justiça.—(C).

Instituto Pasteur

No Instituto Pasteur de Lisboa, a pesar da recente entrada em vigor do regulamento ao horário de trabalho, continua o pessoal fazendo 9 horas de serviço.

Associação dos Confeitores, Pasteleiros e Chocolateiros

Reúne hoje em assembleia geral para nomeação das comissões da fiscalização do horário de trabalho.

SOLIDARIEDADE

Pró-Rodolfo Marques da Costa

A União Anarquista Portuguesa em virtude de se encontrarem presos alguns dos camaradas que faziam parte da comissão organizadora dum benefício pró-camarada Rodolfo Marques da Costa, que acaba de ser deportado para a Guiné, e ainda a pedido deste camarada, resolveu tomar a seu cargo todos os trabalhos referentes a esta festa.

Em harmonia com o exposto solicita-se de todos os camaradas, sindicatos, etc., o favor de liquidarem o mais rápido possível todos os bilhetes que passaram, bem como outras quantias que deverão ser enviadas para Francisco Quintal, travessa da Agua de Flor, 16, 1.ª Lisboa.

Operários da C. Civil presos

A Bóla de Trabalhos e Solidariedade da C. Civil lembra a todas as secções profissionais para prevenir as famílias dos camaradas presos que o pagamento do subsídio é feito mediante a caderneta profissional ou documento passado pelo organismo a que pertença o operário a subsidiar.

Os pagamentos efectuam-se às sextas-feiras das 20 horas em diante.

—Por este organismo foi entregue à companheira do camarada Manuel Ramos a quantia de 10\$00, recebida por Carlos Ferreira Carvalhosa, correio de Pero Pinheiro.

Publicações recebidas

Edade-Média na História da Civilização, polémica entre Antero de Quental, J. P. Oliveira Martins e Dr. Júlio de Vilhena. Edição da Parceria António Maria Pereira.

Pour l'honneur d'une femme por Arnould Galopin, novela, edição de Quotidien, Paris.

Canteiro de Violetas, versos por Salvaterra Junior.

Afonso Lopes Vieira, Atologia Portuguesa, edição da Livraria Aillaud e Bertrand—Lisboa.

O mundo depois da grande guerra, por Luis Schwalbach—Livraria Aillaud e Bertrand.

Revista Nacional N.º 1, órgão da Cruzada Nun'Alvares Pereira.

Seleccção e Seleccionador de Sementes, edição de Henrique Leitold.

Legendas da Tarde, versos por Manuel Morais.

'A Batalha' na provincia e arredores

Monteiro

A G. N. R. continua provocando os rurais

MONTEIRO, 25.—Vivemos no perfeito paraíso em matéria de liberdades políticas. Em todo o país não existe tão radicado o espírito liberal como nas autoridades desta pequena povoação.

O que vamos relatar e que não é virgem, justifica plenamente o que tem sido a existência da organização operária de Monteiro. Estava marcado para o dia 3 de Maio um comício público. Como o administrador do concelho o não autorizou, em virtude de ser contrário a essas coisas, segundo declarou, e como a comissão organizadora não conseguiu uma licença especial, logo de manhã Monteiro aprecia o aspecto duma praça de guerra, guarnecida de bastantes soldados.

As ameaças surgiram então de todos os cantos e contra todos os rurais. Nada, porém, de anormal se passou, a-pesar das provocações da G. N. R.

Dias depois o 2.º cabo Daniel arrogantemente ameaçou os rurais, entretendo-se a disparar a pistola contra uma porta, não sabemos com que intenções.

Devido ao bom senso do povo não temos que registar agora sérios acontecimentos.—E.

Reguengos de Monsaraz

Um perigoso grupo fascista

REGUENGOS DE MONSARAZ, 25.—O célebre grupo de caçadores, desde que lhe foi garantida a liberdade de assassinar impunemente, vem provocando a classe trabalhadora.

Esse autêntico grupo de fascistas, todas as vezes que a organização operária afirma a sua vitalidade, exhorta os maiores dialetos sobre os trabalhadores, rugindo desesperadamente contra as leis que facultam a liberdade de reunião e de existência do operariado.

Há dias um cavalheiro desse grupelho pretendeu lançar o fogo aos jornais que o garoto encarregado da respectiva venda trazia. O seu gesto, porém, não se consumou em virtude da atitude decidida do vendedor, que, com um safanão, o impediu.

Se amanhã o operariado responder às provocações destes fascistas, que dirão as autoridades?—E.

Vendas Novas

O preço do pão

VENDAS NOVAS, 27.—Não obstante ter o pão baixado de preço em diversas terras próximas, ainda nesta villa se continua a vender a 2\$20 cada quilo. Desde que o preço da farinha baixou, não há razão para manter o pão por tal preço.

Em Monteiro, sede deste concelho, está-se vendendo o pão a 1\$80 o quilo. Porque é que aqui se não vende pelo mesmo preço?—C.

Associação de Classe dos Chauffeurs do Sul de Portugal

Largo de São Domingos, 11, 2.º J

CONVOCAÇÃO

Convoco os sócios a reunir em Assembleia Geral Extraordinária no dia 2 de Junho de 1923, pelas 20 horas, em continuação da Assembleia de 28 de Fevereiro de 1923, reunindo e deliberando com qualquer número, e com a seguinte:

ORDEN DE TRABALHOS

Apresentação e discussão do Relatório da Comissão de Sindicância aos actos da Comissão de Defesa e Melhoramentos.

Lisboa, 30 de Maio de 1923.—Pela Mesa da Assembleia Geral.—Francisco Nunes, (Presidente).

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Fogo escrito e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor.

Preço 1\$00

A revolução Social e o Sindicalismo

Preço \$50

Pedidos à administração de "A Batalha"

ACABA DE SAIR

POR RODOLFO ROCHER

Preço 1\$00

Preço \$50

Pedidos à administração de "A Batalha"

Preço 1\$00

Preço \$50

Pedidos à administração de "A Batalha"

Preço 1\$00

Preço \$50

Serviço de livreria de A BATALHA

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de officios

Galvanoplastia
Teorias e generalidades, Definições e leis da electricidade, Teoria da máquina eléctrica, Aparelhos de medida, Leis da química, Teoria das soluções, Condutibilidade das soluções, Equivalentes electro-químicos, Tensão e força electromotriz, Teoria das pilhas, Reações electro-químicas, Acumuladores eléctricos, Instalação de uma oficina, Instalação da energia eléctrica, Material necessário para a parte, Técnica do pulimento, Desengorduramento e descapagem, Instalação da linha de electrólise, Cobreagem, Zincagem, Latunização, Niquelagem, Prateadura, Douradura, Estanhagem, Platinagem, Depósitos de outros metais, Galvanoplastia, Electroplating, Galvanoplastia propriamente dita, Elementos de química analítica, Produtos químicos, Regulação em França, por André Brochet, tradução de MANUEL V. RES.

1 volume de 400 páginas, encadernado em percalina..... 18\$00

Motores de explosão
Resumo histórico, Ideia geral sobre o funcionamento dos motores, Motores de explosão sem compressão e com compressão, Comparação entre as máquinas de combustão interna e as de vapor, Combustíveis, Gasógenos de injeção de ar por meio de injectores, Grupo de gasógenos de injeção de ar por ventillador e de alta pressão, Gasógenos de aspiração e de distillação invertida, Descrição de alguns detalhes dos gasógenos, Gás dos altos fornos, álcool, petróleo, Carburadores, Inflamação, Distribuição, refrigeração e lubrificação, Aparelhos auxiliares, Descrição de tipos de motores de motores de explosão, Máquinas de combustão interna, Diesel e semi-Diesel, Condução e conservação dos motores, por ANTONIO MENDES BARATA.

1 volume de 450 páginas, encadernado em percalina..... 20\$00

Navegação
Sinais marítimos; farolagem e balizagem; transmissão de mensagens e avisos marítimos e regras para evitar abalroamentos, Sinais marítimos e assistência, Noções sobre o estudo do mar; estabilidade, balanço, lastro, carregamento e estiva, velocidade e consumo de carvão, aquecimento e avaliação dos navios de comércio, Meteorologia, perturbações atmosféricas, correntes marítimas, previsão do tempo e noções sobre mares, etc., por GUILLERME IVENS FERREZ.

1 volume de 308 páginas, encadernado em percalina..... 16\$00

Diversas indústrias

Trigo, moagem do trigo; panificação. Diversas espécies de pão. Fabrico de massas, alfarinhos, bolachas, etc., por PEDRO PROSTES.

1 volume de 190 páginas, encadernado em percalina..... 12\$00

Indústria do vidro

Generalidades, Olaria, potes, flutuadores; mergulhadores, fornos e preparação de matérias primas, Manipulação do vidro e fabricação do vidro fino, Acabamentos e ornamentação, Vidraça e fabricação de grandes chapas de vidro, Diversas qualidades de vidro, Vetros e objectos de fabrico especial, etc., por JOSÉ MARIA DE CAMPOS MELO.

1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina..... 12\$00

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja 1\$00

Gonçalves Correia — A felicidade de todos os seres na Sociedade Futura..... \$50

José Prat — A burguezia e o proletariado..... \$50

Content — Contra o confucionismo, Alfredo Neves Dias — Razão (poema) social..... \$30

Landauer — Social Democracia..... \$30

R. Mela — O princípio do fim..... \$30

... A maçonaria e o proletariado..... \$30

J. Most — Peste religiosa..... \$30

J. Rio..... \$100

Trovas da noite..... \$100

Definições sociais..... \$50

Contos dum revoltado..... \$50

Roberto o Pescador..... \$100

... Crânet de Pensamento..... \$20

J. Bakunine — No sentido em que somos anarquistas..... \$50

Chueca — Como não ser anarquista..... \$50

B. Lazare — A liberdade..... \$50

J. Etrevant — A minha defesa..... \$50

Kropotkine..... \$50

A mocidade..... \$50

Os bastiões da guerra..... \$30

Moral anarquista..... \$50

J. Guedes — Lei dos Salários..... \$50

Briand — A greve geral..... \$50

Roland — Rússia Nova..... \$50

... O sindicalismo e os intelectuais D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário..... \$50

A. Hamon — A crise do socialismo..... \$100

J. Santos — A transformação da sociedade..... \$50

Neno Vasco..... \$30

Georgicas..... \$100

Greve de inquilinos, teatro..... \$30

Domela — Patria e Humanidade..... \$100

... Proletariado Histórico..... \$100

REVISTAS

Escola Nova, da Ass. dos Professores de Portugal..... \$300

La Revista Blanca, em espanhol..... \$150

Renovação, vários artigos..... \$150

EM ESPANHOL

Rodolfo Rocher..... \$1300